



# 16 de Julho

Foi há 32 anos, Pai Américo cumpria o tempo de sua passagem pelo mundo. No dia 16 de Julho de 1956, encontrou-se, face a face, com o seu Deus e Pai.

Os anos do seu sacerdócio (porque não dizê-lo dos outros anos!?) foram vividos em comunhão com o Pai de quem herdou a paternidade que assumiu até ao fim. Por isso, a hora da sua morte não foi uma surpresa para ele, assim o cremos, antes a festa do servo bom e fiel que aguarda, a todos os momentos, o encontro gostoso com o Senhor.

Os rapazes chamaram-lhe

Pai. Os Pobres, também. Os que viveram e vivem da sua intimidade tratam-no com este nome.

Deixou tudo por Amor. Percebeu que cada instante leva em si o peso da misteriosa presença do Filho do Homem, do próprio Deus, no pequeno da rua, no doente incurável, no Pobre. Revelação extraordinária, capaz de transformar a vida de um homem ou de uma mulher. Pai Américo é testemunha desta verdade. Foi um dom que recebeu e pô-lo a render. Trabalhou e arrisçou.

Esta hora de aniversário é momento de reflexão. Que fazer? Queremos deixar esta pergunta a cada um dos leitores.

Ontem, a Maria do Carmo, doente do nosso Calvário, teve que ir ao hospital. Precisou de braços para a tirar da sua cadeira de rodas e colocá-la no transporte. São gestos pequenos, mas de valor incalculável que saem de corações que

amam muito. Pai Américo acompanhou. Creio. Foi uma prenda do seu aniversário. As outras doentes não adormeceram enquanto não chegaram notícias da Maria do Carmo, já de madrugada. Que belo! É a família dos sem família, gerada na doação da vida, à semelhança de Pai Américo.

No mesmo dia, poucas horas antes, um grupo de vicentinos aflitos vem à procura de ajuda para salvar um garoto, mais a avó que vive entevada e na imundície.

Que fazer nesta hora de reflexão? O Senhor chama. Pai Américo avançou. Deixou o caminho aberto.

Não estarás paralisado, paralisada, pelo medo?

Não enterres o talento. Não vivas numa segurança falsa. A despreocupação é uma coisa muito séria. És capaz de dar a vida pelos mais pobres!?

Padre Manuel António

## PAI AMÉRICO FORMADOR DE CONSCIÊNCIAS

■ Ocorreu, há pouco, o Congresso dos Leigos a nível nacional — um acontecimento de suma importância. Nem tanto o digo pelo que concluiu ou pelas consequências práticas que dele irão imediatamente resultar, como pela crescente tomada de consciência que revela da natureza da Igreja, Povo de Deus, Corpo que Cristo veio ligar vitalmente à Cabeça que Ele é, Comunidade de irmãos à qual Ele anunciou esta Boa Nova inaudita: o meu Pai é também vosso Pai.

O conceito de uma Igreja clerical vai-se desvanecendo. E para que se purifique ao ponto que Deus quer, talvez que tenha sido necessária a crise de vocações consagradas que Ele permitiu e deva ser entendida como um «sinal dos tempos».

A Igreja dos Apóstolos era uma comunidade de discípulos que passava o testemunho de Cristo de uns aos outros e iam sendo incorporados pelo Baptismo. Do seio dela eram assumidos alguns que o Espírito indicava para o serviço de todos, como garantia da unidade e da rectidão da Fé, sabido que errar é próprio do homem

e desvios começaram a surgir logo desde o princípio. Mas não era notória a divisão da Igreja em clero e povo, uma vez que aquele vivia no meio deste e só em razão do seu serviço era ordenado.

No nosso século pronuncia-se um movimento de regresso a este conceito de Igreja, em que todos os seus membros têm o dever de evangelizar por força da participação no Sacerdócio de Cristo (o único e eterno Sacerdote) que lhes confere o Baptismo e em que o clero cada vez mais reserva para si, sobretudo, a missão de esclarecer a Fé dos leigos e de os santificar, pelo ministério dos Sacramentos, para a actividade apostólica e de polarizar a unidade em cada agrupamento de cristãos.

A «Acção Católica», desde há quase sessenta anos, é um sinal deste despertar. Mas com o Concílio Vaticano II é que esta tendência acorda para uma clara consciência.

■ Nascido há um século, já não vivendo ao tempo do Concílio, que o teria feito rejuvilar, Pai Américo pensava e sentia assim da Igreja. De tal

forma que foi um grande formador de consciências iluminadas pelo Evangelho em multidão de cristãos, alguns ainda tranquilos, outros entediados por uma Igreja demasiado presa à sacristia. Nos primeiros semeou a inquietação, estímulo necessário a um renascimento de mentalidade. Para os segundos foi um sinal de Esperança, aquietante, confirmador de intuições.

De resto, o seu próprio método pedagógico assenta nos mesmos princípios. O «Obra deles, para eles, por eles» se, enquanto corpo, pode entroncar em outros métodos, aliás inéditos entre nós, tem para Pai Américo uma alma e essa enraíza e bebe do Evangelho.

«Eu quero os meus filhos no Paraíso» — eis a meta última. Mas, para lá chegar, é preciso um trabalho de humanização até que a Graça possa enxertar-se. E este trabalho imputava-o ele aos rapazes que haviam de passar testemunho entre si.

Na nossa Obra, o padre é essencialmente o pólo da unidade e o garante da fidelidade

Cont. na 4.ª pág.

## TRIBUNA DE COIMBRA

«Vós sois ricos em tudo: na fé, na eloquência, no conhecimento da doutrina. Mostrai-vos também ricos em generosidade.»

Esta mensagem sagrada que nos foi transmitida por S. Paulo na celebração de domingo passado, teve para nós um sabor de vida muito delicado.

Pelo grande número de participantes, reunimo-nos no salão. Estava cheio. No palco, uma mesa de altar, o cruzeiro, os nossos mais pequenos e o Tonito com a mulher e o menino para baptizar e os padrinhos.

Na altura própria, procurámos meditar sobre a mensagem que citámos. Foram momentos interiores. Cada um de nós é sujeito desta riqueza de fé, de eloquência, de conhecimento da doutrina. Pai Américo foi homem-sacerdote de fé, de eloquência, de doutrina. A Obra da Rua é Obra de fé, de eloquência e de doutrina. O grande número de gaiatos,

muitos dos mais antigos, ali presentes, é testemunho de fé, de eloquência e de doutrina.

Meditámos na riqueza que o amor de Deus nos tem dado. Uma família cristã que procura continuar a ser família, cujos membros precisam de reunir-se todos os anos, e ali estava reunida em grande parte. Membros de família que procuram entretajudar-se e esse é um dos fins das Associações de Antigos Gaiatos.

Família que procura e deve procurar os dons de Deus. A presença do Tonito com seu filho para baptizar é uma procura.

Três dos nossos rapazes com suas noivas presentes, nestes dias, num curso do C. P. M., para celebrar o seu casamento na primeira quinzena de Agosto é procura dos dons de Deus. O novo casal que foi responsável no grupo que orientou este

Cont. na 4.ª pág.



# Associações dos Antigos Gaiatos

## NORTE

**COOPERATIVA DOS GAIATOS** — Nasceu em 10 de Junho de 1988, em assembleia realizada em Paço de Sousa. Culmina um processo, não muito longo mas de extrema importância para actuais e antigos Gaiatos (e seus descendentes directos), que institui a **Cooperativa de Habitação Económica dos Gaiatos, C. R. L.**

Projecto que muitos inte-

riormente ansiavam, tem finalmente viabilidade através da iniciativa que, em colaboração estreita com a Obra da Rua, a nossa Associação decidiu levar por diante, desta forma procurando minorar, aos nossos rapazes, actuais e antigos, o candente problema da habitação.

Assim nasce a **Cooperativa dos Gaiatos**, desde já com um projecto concreto, corporizado no conjunto de moradias unifamiliares a implantar próximo da nossa Aldeia, de Paço de Sousa, que irá resolver o problema de cerca de duas dezenas de casais dos nossos, mais desfavorecidos, em terreno adquirido pela Obra da Rua e já infraestruturado, que apenas aguardava a concretização desta iniciativa ou o recurso à Autoconstrução.

Daquela reunião saíu, ainda, o conjunto dos elementos que compõem os corpos gerentes da notável Cooperativa. Muito terão que trabalhar; muitos serão, também, os apoios necessários àquele punhado de rapazes que, em boa hora, se abalançaram a tão espinhosa quão gratificante missão.

E porque de missão se trata, daqui lançamos o apelo a todos quantos podem — e devem — contribuir para a solução do problema habitacional das nossas populações.

Apoio da entidade mais directamente responsável — o Instituto Nacional de Habitação — está já a ser-nos fornecido, através dos estudos técnicos do projecto atrás referido. Outros se lhe segui-

rão, disso estamos certos, nas várias regiões do País onde os nossos rapazes se encontrem, e onde as autarquias locais cômunguem das nossas preocupações e interesse.

Todos os apoios, toda a colaboração, são úteis. Não esqueças, actual e antigo Gaiato, de que a tua colaboração e o teu interesse são primordiais.

Inscribe-te como sócio da tua Cooperativa!

**Zé Eduardo**

**CONVÍVIO** — O convívio anual está marcado para 17 de Julho, em Paço de Sousa, cujo programa é o seguinte: 10 h, concentração e deposição dum ramo de flores no túmulo de Pai Américo; 11 h, Missa no largo da Capela e, depois, esclarecimento sobre a recente constituição da Cooperativa de Habitação Económica dos Gaiatos; 13 h, almoço oferecido pela Casa-Mãe; 15 h, convívio musical, no qual colabora também o conjunto da Casa-Mãe.

**Carlos Gonçalves**

## CENTRO

Realizámos, em 26 de Junho, o nosso Encontro anual na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Um dia bem passado, pese embora o facto de termos notado algumas faltas injustificadas, outras justificadas; mas, em contrapartida, apareceram alguns pela primeira vez.

Compareceram cerca de sessenta antigos Gaiatos com suas famílias (não foi a maior concentração até agora) e começámos pelas nossas actividades internas, aproveitando para impingir uns bilhinhos a favor do Abrigo Padre Américo, em Coimbra. Vendemos a totalidade, 330, o que rendeu 8.250\$00. Recebemos assinaturas d'O GAIATO e cobrança de quotas.

Entretanto, com a ajuda do João Fernandes, Guido e seus colaboradores, mobilizados para o efeito, pusemos em movimento 40 actuais Gaiatos numa prova pedestre que concitou a atenção dos presentes. Um êxito total! No final distribuímos prémios, sendo os primeiros classificados distinguidos com medalhas desportivas (grandes e pequenas) e um troféu para o primeiro dos mais velhos, visto que a prova teve dois escalões.

Depois de uma pequena sessão de esclarecimento sobre a Cooperativa, foi a Missa e o almoço que decorreram no melhor ambiente, e a entrega de prémios. Ouvido o apelo da oferta de alguns prémios, constituídos por camisas, para um dos nossos colegas de menores recursos, voltamos a agradecer a quem correspondeu, o que demonstra «a amizade e a so-

lidariedade» que consta dos nossos Estatutos.

Perdemos o desafio de futebol por 4-1. Actuação menos feliz do nosso guarda-redes. Mas o adversário mereceu a vitória, mesmo sem ajudas. Ganhou a melhor taça. Os nossos parabéns. A seguir, merenda e despedida.

Agradecemos a prestimosa colaboração do nosso Padre Horácio; do Bandarra, na cozinha; do Israel e do António Silva Santos mais o Fraga, que não pertencendo à Direcção, ajudaram na recolha de ofertas para o sorteio, futebol, atletismo e merenda; isto é: taças, medalhas, roupas e lambaretes que deliciaram os Gaiatos.

Várias casas comerciais, de Coimbra, contribuíram com ofertas de artigos, não esquecendo o nosso «AGA» que, não podendo estar presente, colaborou, mais o Vitor, da Batalha, que trouxe dois troféus desportivos, um dos quais fica para o próximo ano; e ainda alguns que pagaram muito mais do que o valor das respectivas quotas. Enfim, uma jornada em que ficou demonstrado que a Obra da Rua não

está esquecida e que as Associações de Antigos Gaiatos devem servir para nos unirmos cada vez mais.

No entanto, também nos ficou certa mágoa por faltas de comparência. Desinteresse, ingratidão ou vergonha de se ter sido Gaiato! Resto a consolação da presença da esmagadora maioria dos mais qualificados, entre comerciantes, industriais, professores de vários graus de ensino, engenheiros, bancários, etc., alguns vindos de longe com o mesmo entusiasmo dos que moram em Miranda do Corvo.

Esperamos, no próximo ano, um número de presenças superior. Não tenham vergonha de aparecer; e se a dificuldade for económica, digam, pois ajudamos a resolvê-la porque gostamos de nós ver uns aos outros, cimentando amizades. Para terminar: um que veio pela primeira vez, começou por sair da sua terra, em transporte público, às 8 horas da manhã, de sábado, chegando a Coimbra às 19 horas! Mas veio e partiu satisfeito, embora viva com dificuldades!

**Machado**

# Visitantes

■ Chegam de todos os cantos do nosso Portugal. O cronista d'O GAIATO vai dando conta aos leitores da multidão de visitantes da nossa Aldeia. Ela é tão linda!

Dentre eles, quero lembrar uma categoria. São as escolas que, no seu passeio anual, põem a Casa do Gaiato como lugar de paragem. E, como vêm de pontos diferentes e, por vezes, tão distantes uns dos outros, acontece que, em certos dias, se juntam centenas ou milhares de crianças e adolescentes.

A avenida da entrada, na Aldeia, mais parece um tapete ao vivo, de escondido que fica o asfalto. É rico este encontro. Antes não se conheciam. Nem sequer ouviam falar das terras onde ficam suas escolas. De mãos dadas com suas professoras e professores, querem viver na Casa do Gaiato uma lição diferente das dos outros dias.

Alegra-nos a sensação que têm de respirar um novo ar. São os baloiços. Mais os cicerones, nestes dias muito solicitados para lhes fazer companhia, muito à vontade. Pelo menos o Sérgio e alguns mais não deixam seus créditos por mãos alheias. É um convívio saudável. Para uns e outros.

Quando as circunstâncias permitem, juntamo-nos e falamos do segredo escondido no coração de Pai Américo que tornou possível a maravilha que vêem. Valores tantas vezes ditos na sala de aulas, mas re-

colhidos agora no ambiente, onde podem ser vistos e tocados, entram mais facilmente no coração. Tanto bem que nos trazem e outro tanto que levam! Que podes tu fazer? É a pergunta mais comum que guardam e levam consigo. Pedras de qualidade que são colocadas no alicerce e na construção destas vidas. De tal modo ficam os sinais que, não raro, escrevem e contam. O mundo novo constrói-se na alma destas crianças e no espaço da escola também.

Que elas encontrem em seus mestres os guias seguros. Obrigado!

■ Outro grupo nos visitou. Quero referi-lo, pela riqueza que é e não pode perder-se. Um autocarro da Câmara de Palmela, ao sul do Tejo, trouxe pais e filhos criados nas nossas Casas do Gaiato de Angola, a viver, agora, em Portugal.

Foi uma viagem à fonte. A unidade da grande família da Obra da Rua é o sinal visível da presença de Pai Américo. Não conheciam o Calvário, nem o lugar donde partiram, em 1963, os instrumentos de que a Obra da Rua se serviu para os ajudar. Gaiatos das terras de Além-mar! Que este encontro os leve à busca dos irmãos dispersos e a darem as mãos uns aos outros.

**Padre Manuel António**



## DOCTRINA

● Mais «cem escudos para viúvas pobres, sendo cinquenta a cada uma». Já que falou em viúvas, meu senhor, também eu quero falar: A viuvez, mal-la orfandade, são os mais belos títulos de compaixão com que mulheres e crianças se podem apresentar no mundo, diante dos nossos corações. A Igreja ensina ser um pecado que brada aos Céus a opressão dos órfãos e das viúvas pobres; os Apóstolos que ouviram, em primeira mão, as palavras do Mestre, diziam a toda a gente que não é religioso quem não cuida daqueles e destas; e o maior de todos, Paulo de Tarso, declara ser mais feliz a viúva que assim permanecer, tal o respeito e a dignidade que nós lhe devemos.

● Meu senhor, tenho trocado e caído muitas vezes no caminho de viúvas pobres, ferido no coração pela sorte que lhes coube; e por amor delas pisado muitas pedras nas calçadas. A grande massa dos Gaiatos das Colónias de Férias vem de lareiras sem pai; a minha mão estendida, à porta de asilos, leva na ponta dos dedos súplicas de viuvez; os rogos mais sentidos nesta coluna de amor são palavras quentes e aflitas de alguém que perdeu o homem; foi ainda para uma viúva de oito pequeninos que há dias mendiguei uma tarde de campo, em uma família das cercanias. Alegres, descuidados, os miúdos sentaram-

Cont. na 4.ª pág.

## Tribuna de Coimbra

Cont. da 1.ª pág.

curso tem recolhido a riqueza destes dons de Deus e procura mostrar-se rico em generosidade.

Todo o domingo, na Eucaristia, no almoço, nos jogos, no banho da piscina, na merenda, na despedida, foi cheio de dons de Deus. Temos obrigação de nos sentirmos todos mais ricos: na fé, na eloquência, no conhecimento da doutrina.

Esta riqueza de que somos possuidores deve levar-nos a uma vida mais cheia de generosidade, sobretudo para os membros da família que nós sabemos mais pobres destes dons. Deve levar-nos a inquietar a nossa sociedade, de hoje, tão alheia na procura desta riqueza e por isso tão pobre em generosidade.

**Padre Horácio**

# SETÚBAL

A pequenina denúncia feita no pequenino «Setúbal», após a rápida descrição da tragédia humana envolvendo os dois meninos de 4 e 5 anos, suscitou cartas anónimas de acusação e insulto e também muitas, assinadas, plenas de beleza cristã.

Por tudo dou graças ao Senhor! É bom sentir o pulsar de quem nos lê.

O GAIATO substituiu a leitura sagrada nas Missas de domingo e foi motivo de análise de algumas situações concretas em determinada comunidade humana, pelo «pequeno rebanho» que celebrou a Eucaristia.

Logo, ali, se levantou uma família cristã a acolher uma menina abandonada, vítima da prostituição maternal e alcoolismo do pai; e se exaltou a atitude de outra, conhecida, que não praticando o culto, havia oferecido ambiente e protecção familiar ao seu irmãozinho!...

Foi uma Eucaristia real!... As vítimas, com que Cristo se identifica, os pecados que Ele assume para redimir a morte presente nestes males, no trabalho e risco que uma doação destas a carreta sempre, aliadas à esperança de uma recuperação — ressurreição — que agora começa e terminará um dia na Glória, partilhadas pela comunidade celebrante, deram autenticidade ao rito e vida à fé, fazendo da Missa uma comunhão com as preocupações de Jesus, o Seu sofrimento actual e a Sua alegria derradeira! «O que fizeste ao mais pequeni-

## Pai Américo FORMADOR DE CONSCIÊNCIAS

Cont. da 1.ª pág.

a uma doutrina que é Vida. Ele é o pai no meio dos filhos. Numa família não se fazem classificações. Ela é um lugar de fraternidade. Constitui um seio em que soa a barbárie o «estar acima» ou «estar abaixo», embora cada um tenha o seu próprio papel a desempenhar e haja uma necessária ordenação a respeitar. Todos somos para todos e só o estar para servir dá razão de ser à presença de cada um e legítima que todos sejam servidos.

Foi para servir, e só, que veio Jesus. E Pai Américo não teve outro Mestre... Por isso visionou e gerou a sua Obra como Igreja Doméstica, ao sabor da Igreja no tempo dos Apóstolos.

Talvez por isso, só por isso, se justifique o poder de atracção que a Obra da Rua tem, apesar de «repletos de muitas misérias» os que a constituímos.

Padre Carlos

no, foi a Mim que fizeste!...»

Os cristãos celebraram, viveram e vão experimentar Cristo no meio deles!... Só assim!...

Quero dar a notícia de que já fui buscar os meninos de que falei; e fui, porque um casal se dispôs a dar-lhes paternidade e maternidade.

Em Casa, não era possível acolhê-los na medida das suas necessidades urgentes. Somos

## DOCTRINA

Cont. da 3.ª pág.

-se à mesa farta e a mãe, no meio deles, comia lágrimas com arroz doce! Sim, meu senhor, também chorei. Aquelas lágrimas amargas traziam dentro de si a penúria do dia seguinte!...

● Mais: Tenho recebido grandes heranças à cabeceira de moribundos, de mala feita e bilhete para a sua morada eterna. Deixam-me herdeiro universal de tudo quanto possuem no mundo, aqueles moribundos: o cuidado dos filhos e o amparo da viúva. Estas heranças, meu senhor, são muito difíceis de conquistar, porquanto implicam a conquista do coração do Pobre, coisa difícil, mormente quando eles não acreditam no padre nem na sua missão divina. Há, primeiramente, que deitar abaixo muita coisa, antes de começar a construir; e só mais tarde é que vem o espanto final e com ele o testamento. Não é nada das nossas mãos, senhor meu; é tudo obra da Graça de Deus.

● Já que falou de viúvas, meu senhor, aí tem. Por isso apreciei sobremaneira e tenho distribuído à risca a intenção da oferta, toque da Providência no coração de quem a deu. Escreva-me mais vezes, meu rico senhor, que eu gosto da sua letra tão apurada, tão certinha! Nem parece de Doutor!

● Quem pode narrar a coragem mai-la abnegação das viúvas, mormente das que perdem no marido a companhia e o pão? Esta, de quem hoje aqui se fala, foi visitada por mim, no desalinho do casebre; sete filhos em redor, um escondido no seio. Rezava e chorava na maré. Vi eu com os meus olhos; e também chorei! Era a hora do café e nada dentro da porta!

*P. Américo*

(Do livro Pão dos Pobres. — 1.ª vol)

já 143 rapazes dos 7 meses aos 25 anos. A casa-mãe — dos mais pequeninos — está cheia! Dois usam fralda e um biberão. Não temos «mães». Desde que a Isaura veio, tem tido sempre crianças de fralda que exigem e precisam, como de pão, a higiene, colo, carinho, ternura e atenção contínua — numa palavra, de maternidade — e nós não fazemos «milagres»

Foi também uma carta irradiando sentimentos de Reino de Deus que me comunicou a sua disponibilidade. Sem exigir a via jurídica da adopção e desejando socorrer as crianças em tal estado de abandono, cor-

rendo o risco que estas situações comportam, abriram as portas do seu coração, da sua família e dos seus bens, numa adopção plenamente humana, confiantes na própria capacidade afectiva, na força do Bem e no Deus vivo de que eles são imagem perfeita.

A minha já longa vida de padre da Rua contém várias experiências destas, ricas de audácia evangélica, de algum sofrimento, contradições e renúncias; mas origem de muita alegria e resultados infinitamente compensados.

Se dar de comer a quem tem fome, vestir os nus, ou visitar os doentes e presos é preanúncio do «Vem bendito de meu Pai!», quanto mais não será o «Eu não tinha mãe e... tu foste a minha mãe», «Eu fui espoliado de paternidade e... tu foste o meu Pai!...»

Quanto Deus não se alegrará de ser verdadeiro Pai dos sem

pai, através duma paternidade adoptiva motivada pela Fé!

Ai, que se os cristãos fossem verdadeiros realizadores do Reino dos Céus, como se havia de tornar patente, aos olhos do mundo, a sedutora face do nosso Bom Deus!... Como em tantas comunidades cristãs brotariam famílias abertas a acolher os que não têm família e diminuiria muito o mundo de crianças abandonadas, no país e no mundo, candidatas à marginalidade, à frieza dos tribunais e à escuridão das prisões!

Se as leis do homem são injustas, se a justiça corrente é morosa e desumana — a Lei do Evangelho é rápida, decidida e clara: «Eu não tinha família e vós — famílias cristãs — fostes a Minha família!... Vinde, agora, para a Família Comum onde Eu sou eternamente o Pai de todos!...»

Padre Acílio



Uma panorâmica da Casa do Gaiato de Lisboa

«Eu construí a Capela para mim, para mim, três vezes para mim. Suspirei por este dia. Esperei com violência. Hoje é a posse plena.» (Pai Américo)

Assim se expressa Pai Américo quando da inauguração da Capela de Paço de Sousa. Fácil é imaginar a sua alegria interior ao vê-la enguida. Nos dez anos que mediarão entre a sua edificação e o 16 de Julho de 1956, data do seu passamento para o Céu, faz hoje 32 anos, se as pedras falassem, muita coisa de grande e belo conhecíamos. De qualquer modo, foi ali que, no último decénio de sua vida terrestre, se gizaram muitos planos e anseios, se sofreram muitas dores e tristezas e se deram muitas acções de graças, na intimidade com o Senhor.

Nos primeiros tempos desta Casa, um monte de ruínas entregues nas mãos de Pai Américo, uma das obras primeiramente efectuadas foi a reconstrução da velha Igreja paroquial incendiada nos primórdios da República e que, com o andar dos anos, se transformou num montão de pedras desmoronadas e de silvas, com o concomitante desaparecimento de azulejos e outros valores. Mais tarde, foi a Igreja entregue à respectiva Paróquia

## Aqui, Lisboa!

e, daí em diante, todos os actos comunitários passaram a ser efectuados em instalações improvisadas, à medida que a nova Aldeia surgia. Certos de que, na ordem do ser, o primeiro lugar deve ser ocupado por Deus, por isso mesmo, como já aqui explicámos, na ordem do agir, foi nossa preocupação fornecer aos Rapazes as condições mínimas de vida. Agora, alcançados os objectivos essenciais, há que pôr a «Cúpula», honrando Aquele que esteve na base de todo o trabalho realizado e a quem, em última análise, tudo é devido.

Vamos falar muitas vezes da Capela nestas colunas. Gostaríamos, porém, que tudo se processasse no anonimato. As ajudas necessárias virão até nós, à medida de cada um,

discretas e silenciosas; por sua vez, nós, apenas meros intermediários no processo, encaimá-las-emos em ordem ao objectivo final, a Capela, obra de todos, para todos e por todos. Nestas colunas não haverá, pois, nem nomes nem cifras.

■ Estamos em época de férias. Sem senhoras ou adultos disponíveis, tivemos de recorrer às nossas Casas do Gaiato de Setúbal e de Miranda do Corvo que se dispuseram, fraternalmente, a receber alguns dos nossos Rapazes. Entretanto, o número de pedidos de admissão vai engrossando, ultrapassando a média de 13 por mês.

Padre Luiz

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4660 Penafiel-Tel. (055) 952285  
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4660 Penafiel